

SYLVIO ROMERO

1000/1000/1000 de fam. alho

VALENTIM MAGALHÃES

ESTUDO

COLA

DE

SERAFIM JOSÉ ALVES — EDITOR

83 — RUA Sete de Setembro — 83

DA LIVRARIA DE SERAFIM JOSÉ ALVES

83—Rua Sete de Setembro—83

AFFONSO CELSO JUNIOR. —CAMÕES, 1 vol, in-12	1\$000
ALMEIDA D'ÊÇA —Luiz de Camões Marinheiro, 1 vol, in-4º br.....	\$400
Analyse Critica da batalha de Campo Grande e do Com- bate de Riachuelo dos distintos mestres Dr Pedro Americo e Victor Meirelles pela sombra de Giorgio Vasari 1 vol, in-4º br.....	\$500
ARANHA BRITO. —O Bom-Senso e o Bom-Gosto, Humilde Parecer, Com uma carta do Sr. A. F. de Castilho, 1 vol, in-4º br.....	\$400
ARARIPE JUNIOR (F. A.). —José Alencar, PERFIL LITTE- RARIO, 1 vol, in-8º br. 2\$000 enc.....	3\$000
Archivo Litterario. —1 vol, in-8º br.....	\$500
ARCHI-ZERO. —A. F. de Castilho e a carta que acompa- nha o Poema da Mocidade, 1 vol, in-8º br.....	\$300
ARSEOS. —Historico e Analyse Esthetigraphica do Quadro de um episodio da Batalha de Compo Grande planejada e executado pelo Dr Pedro Americo, 1 vol, in-4º br.	\$500
ARTUR BARREIROS. —O Canoieiro Alegre de C. Cas- tello Branco, 1 vol, in-4º br.....	\$200
BRAGA (Theophilo). —As Theocracias Litterarias, 1 vol, in-4º br.....	\$300
Cartas a Cincinnato. —Estudos criticos de Simpronio sobre o Gaucho e a Iracema, 1 vol, in-8º enc....	2\$000
CASTILHO (José Filiciano de). —A Escola Coimbra, 1 vol, in-8º br.....	\$400
— “ Estudo sobre o Missal de Estevam Gonçalves, 1 vol, in-4º br.....	\$500
— POLEMICA LITERRARIA. —Pena de Tallião imposta a João Minimo á proposito de umas criticas deste á versão das Georgicas de Virgilio, 1 vol, in-12 br. 1\$000 enc....	2\$000
—O Senhor. Antonio Feliciano de Castilho e o Sr. Anthero do Quental, 1 vol, in-4º br.....	\$400
Chronica Litteraria de S. Paulo. —Retrospecto do anno de 1866, 1 vol, in-8º br.....	\$500
CORDEIRO (Dr. Antonio da Cruz). —A poesia batalha do Hu- maytá e a critica lançada no jornal da Parahyba, 1 volume in-12 enc.....	3\$000
— (Luciano). — Livro de critica, arte e litteratura de hoje, 1 vol, in-8º enc.....	2\$500
— Ideias e concursos, palestras criticas, l.v. in-4º br.	\$400
CRUZ LIMA. —Reponse a un article de la <i>Revue de Deux</i> <i>Mondes</i> sur la guerre du Brésil et du Paraguay, 1 volume in-4º br.....	\$300

VALENTIM MAGALHÃES

ESTUDO

OBRAS DO AUCTOR

PUBLICADAS EM AVULSO :

Ethnologia Selvagem, Recife, 1875.

A Philosophia no Brasil, Porto-Alegre, 1878.

Cantos do Fim do Seculo, Rio de Janeiro, 1878.

A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna,
Rio, 1880.

**Interpretação Philosophica dos Factos Histori-
cos**, Rio, 1880.

**Introdução á Historia da Litteratura Brasi-
leira**, Rio, 1882.

O Naturalismo em Litteratura, S. Paulo, 1882.

Ensaio de Critica Parlamentar, Rio, 1883.

Ultimos Harpejos, Porto-Alegre, 1883.

Cantos Populares do Brasil, Lisboa, 1883.

Valentim Magalhães, estudo, Rio, 1884.

PUBLICADAS EM JORNAES E REVISTAS :

A Poesia Contemporanea.

Contos Populares do Brasil.

Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira.

Paginas de Critica.

SYLVIO ROMÉRO

VALENTIM MAGALHÃES

ESTUDO



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DA ESCOLA

DE

SERAFIM JOSÉ ALVES — EDITOR

83 — Rua Sete de Setembro — 83

ADVERTENCIA

Este breve estudo sobre o auctor das *Notas á Margem*, Sr. Dr. Valentim Magalhães, originou-se da polemica travada em principios do corrente anno entre S. S. e o signatario d'estas linhas.

Da polemica foi aproveitada sómente a parte séria e de interesse geral.

As agruras da discussão foram deixadas nas paginas do jornal em que tinham apparecido.

D'ahi, as indispensaveis modificações feitas em todo o correr do trabalho.

O estudo é severo ; mas está bem longe de ser injusto ; firma-se em factos.

.

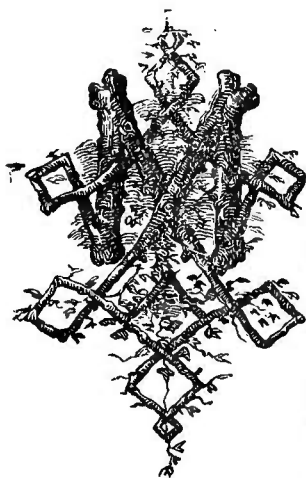
O Sr. Dr. Valentim Magalhães, a quem nunca molestara, a quem até houvera tido occasião de dirigir-me, pela *Revista Brasileira*, em termos lisongeiros, forçou-me a revelar ao publico o segredo que todos sabiam e ninguem ousava dizer :—a verdade positiva a seu respeito.

Deixadas as contemplações, chegou a vez da franqueza.

Rio, Setembro de 1884.

Sylvio Romero.

I



ORENO, imberbe, magro, espingolado, pescoço longo, o Sr. Valentim Magalhães é um lymphatico, um ente franzino, um mendigo de seiva, a mais acabada encarnação do coringa. Um *coringa*, na linguagem popular de algumas paragens do norte, é um magrizela, uma figura esquelética,

um producto depauperado das raças humanas. Tudo n'esses organismos é diminutivo; fallando-se d'elles, tudo acaba em *inho*. Aquelles cerebrosinhos têm ideiasinhas minimas, segregam pensamentos famintos, esfarrapados, liliputianos.

Entre esta gente o Sr. Valentim acha-se em boa companhia. Julga-se poeta, folhetinista e critico, e pretendo estudal-o n'essa triplice qualidade.

E' um espirito desorientado e incapaz de trabalhos sérios; soffre do humorismo inconsciente de certa classe de enfermos. D'ahi o pronunciado declive que o tem levado á pilheria e á parodia.

Tentou a poesia e cahiu na palhaçada; tentou o conto e tombou no pastiche imprestavel; tentou a critica e esborrachou-se na farçola indigente.

Deixo de fallar na sua celebreira de querer regenerar o theatro *nacional*, traduzindo dramas *hespanhóes*.

Tem pretenciosidades terriveis ; mas vive atufado n'uma ignorancia atordoadora. Diz-se sectario de Zola, e é um *parnasiano* no verso e um *gaiato* na prosa ; porque desconhece que os parnasianos hão sido objecto de debique da parte do auctor de *Nana*, bem como o tem sido os espirituosos que em Paris escrevem *notas á margem*.

E' um moço inconsiderado, um andarilho litterario ; escreve todos os dias sem estudos e sem meditação, como os musicos das ruas todos os dias tocam os seus realejos. O perenne escrever-vinhar do Sr. Valentim é o producto de uma organisação impaciente e dolentemente irrequieta. Sahe-lhe mecanicamente.

Minhas notas serão rapidas ; vamos ao poeta antes de tudo. Os *Cantos e Lutas*, a *Vida de Seu Juca*, e *Colombo e Nené* são os seus principaes trabalhos nos dominios da poesia.

Como bom parnasiano, suppõe-se impeccavel na fórmula ; é apenas uma presumpção, é a sua maior vaidade, e por ahi devo principiar.

Leiam-se estes versos dos *Cantos e Lutas* :

« Intrepidos e sãos, puros e heroicos »

« O heróe moderno é um pallido rapaz »

São endecasyllabos asperos, e os seguintes alexandrinos de *Colombo e Nené* não são melhores :

« E falla de victoria o oceano delirante »

« A sombra o acompanha obedientemente »

« A serpente infernal é um Satan... de borracha »

« Um é d'outro o annuncio. Inflexiveis, fataes »

« A criança, porém, como se não ouvisse-as »

« Tu, para quem não ha supplicas, orações »

São alexandrinos sem rythmo, sem melodia ; faltam-lhes as syllabas tonicas em logares apropriados.

Vejam mais estes versinhos da *Vida de Seu Juca* :

- « P'ra empoleirar o nosso amor fagueiro »
- « Como ha-de o preto comprehender o branco »
- « Que sobre os descendentes de Caiphaz »
- « Do céu... da bocca as solidões arqueadas »
- « E és capitão da guarda nacional ? »
- « Como foi Passavanti, o socialista. »

São ainda endecasyllabos tropegos.

Tenham paciencia e vejam mais dous alexandrinos e dous octosyllabos :

- « E teus boffes cruéis possuir, João Brandão »
- « O coração de cal e pedra e até de ipé »

Por estas transcripções vão logo apreciando a gentileza dos pensamentos do poeta, a

par de sua colossal metrificacão. Agora os octo-syllabos :

« Vendo nas pernas da cuja
As de um anjo feiticeiro,
Andava c'o a esperança ás costas
Em antro de treva e abob'ras. »

Estes ultimos versos provam que o nosso poeta é o mais insigne dos parnasianos. São magnificos.

Antes da apreciacão do espirito do illustre verzejador, algumas singularidades de fórma ainda se nos deparam.

Nas poesias do Sr. Dr. Valentim ha verdadeira musica de pancadaria de *tanto e tão*. Admirem: só em *Colombo e Nené*, poemeto de poucas paginas, temos :

« E' *tão* debil, *tão* mansa, *tão* bonita, »
« E a hõa mãi adora-a *tanto ! tanto !* »
« E' *tão* meiga ! *tão* bondosa ! »
« O seu regaço é *tão* quente ! »

« As roupas *tão* perfumadas ! »

« E' *tão* artistico que, »

« *Tão* pallida, *tão* secca e melindrosa, »

« *Tão* tranquilla, *tão* formosa ! »

« *Tão* candido, *tão* terno !... »

E' por demais um badalamento assim!...
E não é só o *tão* e o *tanto* que o sublime esty-
lista repete, é tambem o *amarello* e o *amarel-*
lado.

Ahi vão versos :

« Tremúla *amarellada*, »

« *Amarellada* e fraca expira lentamente, »

« Esgueirava-se um tanto *amarellada*, »

« E n'aquellas paredes *amarellas*, »

« Ao bolor que *amarella* a roupa nas gavetas, »

« Tolices colossaes, *amarelladas* petas »

« Tu, oh ! moço de rosto *amarellado*, »

« *Amarello* como a aveia, »

« Com a *amarellidão* do mofo de um frangalho, »

« Com fome *amarellada*, angú de negra miua, »

« Desciam longas barbas *amarellas*. »

Não é possível proseguir ; vê-se tudo amarello ; o Dr. Valentim está soffrendo de ictericia ; tudo n'elle anda *amarellado*...

Além de versos errados, duros, asperri-mos ; além da repetição enfadonha do *tão* e do *amarello*, os trocadilhos e os cacophatons pul-lulam nas paginas do pretencioso escriptor.

Vel-o-emos adiante.— Por agora vamos-lhe ao espirito, por onde deveramos ter principiado, si realmente tiveramos ante nós um homem de merecimento. Os peccados de fórma lhe são lembrados — para comprimir-lhe por este lado as velleidades.

O poeta no Sr. Valentim Magalhães é simplesmente nullo. Tem tres facetas principaes: certa declamação banal, imitada de Guerra Junqueiro ; um humorismo parodista sem prestimo ; um lyrismo sovado e desprezivel.

As declamações apparecem principalmente nos *Cantos e Lutas*.

Não devo transcrever para aqui o livro quasi inteiro ; ligeiras indicações bastarão.

Apreciem isto :

« Está deserto o céu ! No grande isolamento
Palpita *ensanguentado* o sol—um coração... »

Velhas imagens, metaphoras de cabellos
brancos nos assaltam :

« Vibrava pelo mundo em desespero
A *ensanguentada* voz dos temporaes.
Era a alma uma esphera tenebrosa
Como um astro apagado nas alturas. »

Anda agora tudo *ensanguentado*, e pro-
rompe a declamação massuda :

« A treva densa
E terrível do nada o conquistou
E elle é como um planeta que tombou
De subito nas fauces do infinito.
Seu debil coração inconsistente
 Como as ondas de areia
 De um tristonho deserto,
E' somnolento, sceptico, maldicto,
Como um fructo fatal nascido perto
 Das margens do Mar-Morto. »

E' este o tom. Seria impossivel fazer mais
forte liga entre a vulgaridade chata e os pala-

vrões petulantes. O pretendido poeta philosopho e socialista é sem ideias proprias, não tem individualidade, não tem força.

A nota humoristica predomina em *Colombo e Nené* e na *Vida de Seu Juca*.

O primeiro d'estes productos é uma rapsodia singular, cujo heróe é um gato apaixonado por uma menina.

Chegado o tempo das maganagens, o gato fugiu de casa, voltando só muito depois magro, estragado, cégo de um olho, coberto de lepra, um desgraçado filho da imaginação enfermiça do Sr. Valentim.

Si as poesias dos *Cantos e Lutas* são declamatorias e nullas pelo fundo e fôrma, *Colombo e Nené* é sem espirito, sem delicadezas de sentimento, sem finezas de observação; é um lastimavel *pastiche*. E' uma verdadeira transição entre o estylo pacholeiro dos *Cantos e Lutas* e o humorismo grosseiro e pulha da *Vida de Seu Juca*.

Vejam :

« Si brincava, elle brincava,
Como um palhaço a pular ;
E os bonecos destroçava
N'um heroico batalhar.

« Qual tunesino corsario,
Colombo, deixando os lares,
Devastava os bellos mares,
Chamados:—Despensa, Armario. »

E' este o impagavel espirito do Sr. Valentim Magalhães. Em casa de *Colombo a despensa* e o *armario* não ficavam dentro do lar, ficavam fóra, pelos mattos. E vae tudo n'esse gosto ; é a tolice em versos máos.

O humorismo da *Vida de Seu Juca* mostra-se ainda de peor especie. E' uma parodia desengonçada e grosseira do poema de Guerra Junqueiro—*A Morte de D. João*.

O poeta arranjou um sujeito, um typo que passava a tocar *viola*, a beber *cachaça*, a fallar na *magra* e a namorar uma tal *Quiteria*. O enredo é nullo, anomalo, incongruente. A parodia é erma de graça, não revela observação da vida

nas villas do interior e entre as populações campezinas.

Ha alguma cousa peor do que o lyrismo de convenção, é o humorismo convencional, e o nosso poeta está n'este caso.

Sei que foi auxiliado por seu irmão na confecção da parodia ; mas o trabalho principal lhe pertence, e lhe assentam em cheio as censuras que faço.

A pilheria no Sr. Valentim Magalhães não rompe d'alma ; é uma preocupação de grupo. Disseram-lhe que elle era engraçado, e acreditou n'isso, desparou n'essa vereda e acabou-se : ha-de fazer pilheria á força, agarrando a tolice e deixando o espirito ao longe.

Vejam si ha n'isto verdade e graça :

« Mas cá na minha cachola
Remexe a raiva damnada,
Como uma cobra assanhada
Mettida n'uma gaiola.

.....

« Quando vem o temporal
Inundal-o, coitadinho!
Embalde busca um portal

Emquanto a chuva não passa
Qualquer maroto, por graça,
Pode pisar no pintinho !

.....

« O *rabicho*, coisa doce,
Que fez da lyra um barril
E do barril uma foice.

.....

« E assim alegre vivia
Tão cheio de desatinos,
Sujo de lama e de queijos,
Que parece que trazia
Em logar dos intestinos
Um lote de *carangueijos* !

.....

« Talvez que da bocca sua
Se saiba o gosto de um beijo
Botando cebola crúa
N'um molho de *carangueijo*. »

Agora são lotes e lotes de *carangueijos* por
cima do cantor do *Juca*.

Ahi vão novos disparates ; fallando dos peitos da *Quiteria*, disse o poeta :

« Havia n'elles uns offegos quentes,
Uma infusão de maluquice e furia,
Como botijas duras, transparentes,
A transbordar extractos de luxuria. »

Ha n'esta quadra forte mascateação de *infusões de maluquice* e de *extractos de luxuria*. Tal phraseologia extravagante e pifia é sufficiente para caracterisar o joven verzejador.

Si o socialista e o humorista são nullos, o lyrico é um pobre diabo.

Nos *Cantos e Lutas* estão os principaes *especimina* do genero :

« Bom dia, natureza !
Saúdo-te, arrebol !
Oh ! luz, oh ! gentileza !
Oh ! magestoso sol !

.....

« Um grito agudo e tredo
Corre pela amplidão...
A' caça já tão cedo ? !
Bom dia, gavião ! »

« Bom dia, *seu* Valentim—Coringa ! »—
deveria ser a resposta do gavião.

Quanta bobagem, santo Deus ! que parna-
siano desfructavel !

« Era minh'alma repleta
Das sombras da Ave-Maria,
Surgiste luz da poesia,
Tornaste aurora o poeta. »

Ora, o Sr. Valentim feito *aurora* havia
de ser engraçado...

« As minhas vistas lanço
Ao mundo que irradia,
Do fulgido remanso
Na santa lethargia. »

Que diabo vem a ser a *lethargia do fulgido
remanso* ?

E com estas futilidades tem o gentillissimo
escriptor illudido algumas duzias de bona-
cheirões !...

Não se julgue que vae n'isto grande rigor.
Tomemos uma das poesias mais afamadas do

auctor e apreciemo-l-a despreoccupadamente ; é um meio directo de graduar-lhe o merito.

Sejam os versos feitos a Camões, por occasião do centenario.

O poeta n'elles esmerou-se o quanto pôde, e estes versos são um excellente documento do desarranjo do grande talento brasileiro ; tal é o despenhadeiro de palavras ôcas, de pensamentos extravagantes, de versos ponteagudos, que nos assaltam.

Eis a primeira estrophe :

« Eu venho da *penumbra honesta do meu nada*
 Depôr um ramilhete aos pés do semi-deus.
 Vibra pelo universo a musica *sagrada*
 E vence *triumphante a curvatura aos ceus.*
 A alegria *ferunda, enorme, arrebatada*
 Aos *abyssos crueis, de claridade encheu-os.*
 Nas planicies, no azul, nos mares, nas florestas,
 Ecôam longamente as *poderosas festas.* »

Não são versos humoristicos, nem lyricos ; são d'aquella terceira especie de que usa o Dr. Valentim ; são declamatorios e *no sense.*

O que veui a ser a *penumbra honesta do nada?* E a *musica que vence a curvatura?* E

que zig-zags grammaticaes — a curvatura aos céus! e aos abysmos crueis, de claridade encheu-os!

E o verbo *encher* com aquelle complemento ali simultaneamente directo e indirecto?!.. E' muita gentileza e originalidade no fundo e na fórma; é realmente admiravel. Uma palhaçada.

Na seguinte estrophe o desmantelo prosegue em marcha ascendente:

« O homerico cantor, o velho Mar feroz
Empina ao céu a fronte humida e guedelhida,
Concentra-se um instante, e, arremetendo a voz,
N'um formidavel brado o seu cantor saúda...
As azas, distendendo, o olympico albatroz
Rasga ás nuvens fataes a austeridade muda;
E, alçando o petreo collo, as rochas e os volcões
Repetem do Oceano as largas saudações. »

E' uma penca, é um cacho de banalidades esta oitava.

A impropriedade dos termos joga a cabra-céga com as tolices do pensamento. Cada substantivo traz um ou dois adjectivos na garupa; é um fandango de disparates.

Vêm á scena um *homerico cantor*, tomando *cóca*, um *mar feroz*, uma *fronte humida e guedelhuda*, um *brado formidavel*, um *albatroz olympico*, umas *nuvens fataes*, uma *austeridade muda*, um *collo petreo* e umas *saudações largas...* Nada como a *fronte humida e guedelhuda do mar*. E' um charivari diabolico e valentiniano. O homemzinho tem umas sublimidades que são d'elle exclusivamente; é desesperado.

Depois falla-nos do *Sol*, *rasgando a tela do firmamento casto*, e *vindo*, a *rir-se*, dar o braço á *Mamãi-Natureza*, para juntos seguirem a saudar Camões. O interessante é que, *alem do Sol e da Natureza*, apparece ainda uma terceira personagem: o *Universo inteiro*, *alegre e deslumbrado...* O ultimo vem correndo. A historia é esta :

« O *Sol*, rasgando a tela ao *casto* firmamento,
Assoma *victorioso*, *esplendido*, a sorrir
Na *limpida* effusão do seu deslumbramento.
A *Natureza*, a *mãi dulcissima*, quiz vir

Da festa de Camões n'este *immortal* momento
Os canticos, a luz, as benções espargir !
E á glorificação do *eterno* genio *ousado*
Corre *inteiro* o Universo *alegre e deslumbrado* ! »

Uma dança macabra dos elementos, um *sabbat* de pateticos. A *Natureza* se distingue do *Universo*, agarram-se ambos ao *Sol*, e toca o samba n'estes termos :

« Do seio *bom* da Historia—esse *implacavel* céu—
Como do *morto* Olympo o Deus *Jupitelino*—
Camões, mixto de deus e aguia—Prometheu
Que animou Portugal, ao fogo *peregrino*
Que no *sombrio* abysmo o Incognito escondeu ;
Bronzeo craneo de sol, *rigido* e *crystallino*—
Vê quebrar-se-lhe aos pés o mar das ovações,
Bradando n'um delirio *esplendido* : — Camões ! »

Forma-se um barulho desesperado ; vem tudo em azafama infernal, agitam-se Israel e Judá, e o resultado é nenhum !

Chegada toda a caravana, o *Universo inteiro* e mais a *Natureza dulcissima* e mais o *Sol*

victorioso em face do poeta, dizem-lhe apenas :
— *Camões ! ó Camões !..*

Qual não havia de ser o muchoxo do cantor dos *Lusiadas* !

Os logares communs, as *chapas* fazem alli um tim-tim dos demonios.

Temos um *seio da Historia*, um *implacavel céu*, um *Olympo morto*, um *mixto de Deus e aguia*, um *fogo peregrino*, um *abysmo sombrio*, um *craneo de sol*, um *mar de ovações*, um *delirio esplendido*, e um *bronze crystallino* !
E' a mendicidade perenne de um espirito negativo.

E vai mais por diante o digno Sr. Valentim Magalhães :

« Trezentos annos ha que á fome succumbido
Apagou-se na sombra o honrado lutador....
Oh ! heróe, que poupára o oceano *enfurecido*,
E a calunnia abateu e abandonou o amor !
Oh ! poeta, *immortal, vidente esclarecido*,
Morto ás garras de um tempo estúpido e traidor !
O que importa a calunnia, o desespero, o pranto ?..
Foste um genio *infeliz*, és hoje um *grande santo* !.. »

Vemos um *lutador que se apaga, depois de estar na sombra, e um immortal—morto!*
No fim de contas, Camões entra para a folhinha,
é um *Santo, é São Camões!*

Felizmente chegamos ao fim das brilhaturas do Sr. Valentim ; eis a ultima oitava :

« Deus fez almas de treva e fez almas de sóes.
Milton, Byron, Rouget de Lisle, Homero, Dante,
Hugo, Catão, Jesús,—os genios e os heróes—
Retomam no infinito azul e *coruscante*
O seu logar *astral*, de planetas, depois
Que gravaram no mundo a senda *fecundante!*..
D'entre o eterno fulgor d'essas constellações,
Dos seculos através, has—de brilhar, Camões ! »

Após o *Sol*, a *Natureza*, o *Universo*,
surgem em esquadrao—*Milton, Byron, Rouget de Lisle, Homero e Dante*, formando um verso dos diabos.

Atraz chegam—*Hugo, Catão e Jesus*. Lá acima está *Deus* fazendo almas. Tudo adubado de *clichés* patifes : *almas de trevas, almas de sóes, o infinito azul, genios planetas, o fulgor*

das constellações, e no fim *São Camões entra a brilhar...* E passam semelhantes versos pelos mais inspirados do muito intelligente e grande reformador litterario, que ha nome Antonio Valentim da Costa Magalhães. Avaliem o resto da bagagem...

« Ha poetas, diz um dos meus auctores predilectos, ha poetas para os quaes a poesia é um instrumento encantado, a rabeca de Paganini, ou um outro instrumento qualquer, mas em summa um instrumento de virtuosidade. Ha outros para quem a poesia é uma voz, uma linguagem, a expressão natural e espontanea d'alma. Victor Hugo é o maior d'entre os primeiros; Racine, André Chenier, Lamartine— são da ultima familia. »

O nosso poeta é da primeira categoria; mas o seu instrumento é um *urucungo* ou um *tambaque* africano, e o pontilhador só executa chulas e descabelladas parvoeiras.

Ha alguma cousa na litteratura de um povo que deve ser uma efflorescencia espon-

tanea; alguma coisa que se não imita, não se copia, não se macaqueia : é a poesia.

Imitemos a sciencia, a industria, tudo o que fôr bom e util na Europa ; não lhe arremedemos a poesia. Apropriar-se do pensamento alheio é, até certo ponto, explicavel ; furtar os sentimentos dos outros, as emoções estranhas, é um contra-senso.

E' como o pelintra que vai a um baile com a casaca e as luvas emprestadas, se não é cousa peor.

A litteratura de um povo é comparavel a uma immensa inscripção, feita atravez dos tempos, em que se vão gravar todos os seus enthusiasmos, todas as suas luctas, todos os seus labores na esphera do sentimento e da intelligencia. Cada escriptor ajunta apenas algumas phrases á enorme tela ; mas estas phrases devem ter sentido, devem prender-se ao grande todo e harmonicamente ligar-se áquellas que as precedem e ás que lhes devem seguir. Por baixo do colossal painel ficam as

garatujas dos rabiscadores, dos *marginadores* ao gosto e do tamanho do Sr. Valentim.

Elle nada representa, nada personalisa na poesia e na litteratura brasileira ; é um desclassificado. Sua ausencia não faria falta alguma ; imitador fraquissimo dos parnasianos de Paris, em terceira ou quarta mão, vive de emprestimos, é um pobrezinho das lettras.

Em resumo : o poeta lyrico é chato, não tem effusões, nem profundeza, nem bellezas de fórma ; o poeta social e philosopho revela-se um declamador plagiario a desmanchar os alexandrinos de Junqueiro e a fazer de todos elles *uma infusão de maluquice* ; o humorista atufou-se irremediavelmente na desastrosa parodia—*A vida de seu Juca*.

Que resta do pretencioso cantor do *Vigario*? Um pequeno folhetinista, um *marginador* de palhaçadas, o criado grave de Ramalho Ortigão.

A primeira qualidade do pensamento e do estylo de um escriptor é a *personalidade*. Procura-se o Sr. Valentim, dá-se-lhe caça por

toda a parte, e elle lá se acha acororado entre as pernas do escriptor portuguez.

A figura não é, por certo, invejavel.

Passemos ao folhetinista.



II



O magro e pacholissimo escriptor
uma cousa se não póde contestar :
tem a febre louca de apparecer.
D'ahi o desespero que o tem arro-
jado a diversos generos litterarios:
a poesia, o conto, o folhetim, a
critica e a comedia. Em tudo tem
sido desastrado.

Tentou, como disse, a poesia
social e desçambou logo na parodia ; pretendeu
o conto e resvalou para o folhetim pulhento e

apalhaçado ; quiz fazer critica e atolou-se em pequenos artigos futeis, as intituladas *Notas á margem* ; lembrou-se do theatro e começou por *traduzir*, e traduzir do *hespanhol*... um ou dois dramas de um *romantico* secundario, como si de más traducções não estivessimos gafos ha quarenta annos... Chamou a estes disparates madraços *regeneração* do theatro *nacional* ! *Hespanholismo nacionalisante*, eis a formula definitiva dos esforços litterarios do Dr. Valentim Magalhães.

Isto é bastante para dar a medida da indigencia mental do escriptorzinho. Fundar o theatro *nacional*, traduzindo dramas *hespanhóes* e traduzindo-os para serem representados por companhias *portuguezas*.. é a maior singularidade dos ultimos tempos, mas uma singularidade de charlatão.

O Sr. Valentim não sabe o que é theatro e o que é litteratura dramatica.

Um povo quasi embryonario, sem tradições historicas, sem cohesão social, sem politica autonómica, sem opinião propria, sem originalidade ;

uma sociedade elementar, que não possui ainda uma poesia accentuada, que não passou ainda da phase primaria das letras—o lyrismo, que não conta prosadores, não tem arte, nem philosophia ; uma multidão quasi amorpha de imitadores sem ideal, qual é o povo brasileiro, não pôde ter uma verdadeira litteratura dramatica. E o meio de disciplinar o espirito publico e encaminhal-o n'esse terreno, por certo não é traduzir de estranhos.

Os esforços, com vezes melhor dirigidos dos nossos primeiros talentos, inutilisaram-se todos n'este ponto.

Si na época de nossas effusões romanticas, de 1840 a 60, nos primeiros vinte annos do actual reinado, quando tudo eram esperanças depois das grandes luctas da Regencia, quando Magalhães, Penna, Macedo, Agrario e Alencar eram moços e entusiastas, ao lado de João Caetano e Sezefreda na planitude do talento, o theatro nacional não passou de uma miragem de illuminados, que não ficará sendo elle nas mãos imbelles do Sr. Valentim, triste mediocridade per-

dida n'um meio deprimentê, falso e estragado? Responda quem souber.

Si pôde tentar o theatro, faça-o como homem de criterio, revele intelligencia, tenha genio.

Venha-nos com obras serias e valorosas; o contrario é apenas dar-se a espectaculo.

Além de audacioso, o joven escriptor é bastante imponderado: sem talento real, sem instrucção accumulada, malbaratou a pouca habilidade de escrever de que dispunha, tocou em todos os generos e em nenhum produziu cousa notavel. Revela-se, ao contrario, pasmosamente decadente. Sete ou oito annos apenas de trabalhos de imprensa esgotaram-lhe a seiva; em rigor o cyclo de sua actividade está fechado; ha muito que se repisa e repete. Possui hoje sómente seis folhetos publicados; os ultimos são inferiores aos primeiros. (1)

(1) *Cantos e Lutas, A Vida de seu Juca, Colombo e Nenê, Quadros e Contos, Notas á Margem dos Ultimos Harpejos*, e a traducção do *Gran Galeoto*. Em dois d'estes pobres folhetos foi ajudado por um irmão e um amigo.

Parece haver abandonado já a poesia e não ter esperanças de trabalhos serios no drama. O folhetim, o pequeno artigo pilherico e de ocasião, é, ao que elle suppõe e com razão, o genero que lhe fica de molde.

Ahi porém é como em tudo mediocre ; não passa da chalaça rasteira. O folhetim é, por sua natureza, um genero secundario. Ninguem vive pela graçola ; a vida humana, a vida social encerra problemas muito graves, em que os garotos não mettem os dentes.

O espirito, como a grande eloquencia, não é cousa facil de encontrar-se em qualquer ; por isso os grandes comicos e os grandes humoristas são raros.

O humour, o espirito, a graça, só têm valor quando se acham ao serviço de uma grande intelligencia, um talento atilado, um entendimento perspicaz, uma illustração ampla e fecunda. O dom especial da observação, que exige a maleabilidade das ideias, e vastas faculdades syntheticas em o pensador humorista, não anda ahi a rôdo para caber tambem a

quaesquer Valentins. — E' o motivo pelo qual os Sternes, os Swifts, os Carlyles, os Dickens são raros, como raros são os Rabelais, os Voltaires, os Beaumarchais. O Dr. Valentim não pode sentar-se entre esta gente. Si a um Aureliano Scholl, Emilio Zola pôde dizer duras verdades, por que não as direi eu ao auctor das *Notas á margem*? Eu não sou Zola, nem elle é Aureliano Scholl.

Ouçamos o romancista francez: « A ideia é a grande inimiga dos *homens de espirito*. Não se fazem tróças á ideia; si elles resistem, ella passa-lhes por cima e os esmaga; si querem ajudal-a, mostram-se pequeninos, desgeitosos, sem força. São, por isto, condemnados perpetuamente aos paradoxos e á chalaça que tudo exaggera e estraga. Desde que cessam de pilheriar, não passam de burguezes sem rota nem tino.

« Fallo de nossos pequenos jornalistas, de nossos espirituosos, que apenas possuem o espirito no sentido pandego da palavra, e que não se elevam até genio como Voltaire. Aure-

liano Scholl é um burguez transviado. Póde ser que tenha o espirito das palavras ; não pos- sue com certeza o alto e livre vôo da intelligen- cia. Todas as vezes que enfrenta um assumpto serio, o vejo repetir logares communs, afogar-se em plena banalidade até os hombros. Não co- nheço, no dominio do pensamento, homem mais vulgar, de cerebro mais espesso, do que este cavalheiro elegante e espirituoso da anecdota. »

Menos o elegante e o espirituoso, tudo mais foi talhado para o Dr. Valentim. Nunca esse cavalheiro da pilheria escreveu um artigo meditado de doutrina litteraria, juridica ou sci- entifica.

Perde-se na palhaçada.

O leitor ha-de lembrar-se que elle escre- veu dois artigos por occasião da morte de Tei- xeira de Freitas. Que disse ? E' um advo- gado novo, veio tentar clientela no Rio de Janeiro ; porque não traçou a caracteristica, o retrato scientifico ao illustre morto ?

Era só : — *foi o nosso primeiro juriscon- sulto, foi um talento real, foi de uma perti-*

nacia benedictina no trabalho, foi de actividade quasi sobrehumana l... E' textual.

N'estas chatices, n'estas chapas de mendigo afogou-se o soberbo reformador até os hombros.

Leiamos ainda o grande Zola : « Nossos homens de espirito não possuem a bravura philosophica e litteraria. Nunca vereis um d'elles defender um innovador, caminhar adiante de uma ideia.

« E isto facilmente se explica ; os homens de espirito são forçados, pelo proprio papel de gracejadores, a ficar sempre atraz da multidão ; porque a obrigação d'elles é fazer rir o maior numero. São os forçados da alegria universal. Devem tomar todas as cautelas ; é preciso que se reduzam a animaes de prazer.

« Como a multidão gosta de rir das novidades, dos heroismos da intelligencia, elles a arranham n'este ponto, saracoteam á conta dos temperamentos originaes, em favor da grande hilaridade do publico burguez. Em Jerusalem os gaiatos do tempo deveriam escrever *No-*

tas á margem (nouvelles à la main) contra o Christo.»

As palavras de Zola, si são talvez um pouco injustas applicadas a Scholl, quadram admiravelmente ao nosso tarameleiro escriptor.

Como folhetinista e auctor de contos, seu trabalho capital são os *Quadros e Contos*, pequeno livro que nos fornece a medida de seu merecimento por este lado.

Antes de abril-o e apreciar-lhe o conteúdo, uma observação preliminar: o Dr. Valentim acredita piamente ser um notavel estylista, um escriptor elegante e correcto. Illusões! D'ellas vivem os folhetinistas. A verdade é outra: a prosa do Sr. Valentim Magalhães é má, poder-se-ia dizer, pessima. Elle não tem nem de longe o sentimento do estylo. Já notei que lhe falta absolutamente, terminantemente, a *personalidade*. Das principaes qualidades do estylo—personalidade, força, movimento, precisão, elegancia, colorido... elle não possui uma só. Não ha escriptor algum que as possúa todas; elle não tem uma, umasinha sequer.—

Provar é citá-lo. Admirem isto: «Esse género de artigos despertará talvez um grande interesse nos corrilhos partidarios da capital e nas *correlativas boticas provincianas* em que se arranjam as *cataplasmas de soberania nacional* e d'onde vêm as *sanguessugas eleitoraes* que se abeberam a fartar na paciencia da gente e na *lympha do thesouro.*» — Que *amphigouri* medonho! Aquelles *corrilhos partidarios*, aquellas *boticas correlativas*, aquellas *cataplasmas de soberania*, aquellas *sanguessugas que se abeberam*, são terriveis... E' o espirito chôco; é cerveja velha.

E' esse o tom do escriptor, periodos desengonçados e phraseologia banal.

Ainda um exemplo: «Ao passo *que* n'esse character anti-libertador, para não empregar a dura palavra—escravocrata—, *atrahiam* (os *candidatos conservadores*) a onda ingenua dos eleitores *que* precisam do escravo e *que* d'elle vivem, os *candidatos liberaes* viam-se forçados a guardar um prudente e bem avisado silencio sobre as opiniões; emquanto a freguezia

dos que preferem o *realejo do escravocratismo ao clarim da abolição* corria para os *candidatos conservadores, que tocavam realejo*, ou, antes: —*que*, pela sua posição de opposicionistas, fingiam tocar-o; viam-se os *candidatos liberaes* verdadeiramente entalados entre a cruz e a caldeirinha, quer dizer: entre o *realejo e o clarim.*» Sufa! Que periodo furioso! Tem seis *ques*, está cheio de *candidatos* e repleto de *realejos e clarins...* Periodo de legua e meia, sem rythmo, sem movimento, sem elegancia.

Como prosaista o joven escriptor é, como se vê, de um chatismo lastimavel. Não devo demorar-me em proval-o.

Nos *Quadros e Contos* póde ser apreciada a sua maneira arrebicada e magrizella de escrever. Ha uma repetição incommoda de *arrepinhar, espalmar, bimbilhar, enclavinhar*, e outros termos caturras de charlatanice preocupada em colligir palavrinhas para effeito.

E' para *sarapintar* o estylo. A expressão é d'elle: «o meu estylo tortuoso e *sarapintado.*» Esta palavra soffre bastante no livrinho do Sr.

Valentim. « Gravatas torcidas *sarapintadas*; calças de chita *sarapintada*; rosto *sarapintado* de ouro....»; são expressões que alli se lêem.

E' uma prosa palavrosa, alambicada, sem alento, com bulhentas pretensões á poesia. E' crivada de imagens pobretonas e delambidas, como esta: « Escuta-se um marulhar confuso e vagaroso, *como o que produziria um gigante resando com a bocca cheia de pedrinhas. E' a cachoeira.* » Mais: « Faltam-lhe as noitadas no Sant'Anna. *Mas o somno fecha-lhe carinhosamente a janella das recordações* e elle adormece, na rede de barriga ao ar, ás frescuras macias das brisas. »

O que deixei citado é puro *Budião*. Certamente os leitores não conhecem este personagem. Era uma especie de orador dos botiquins do Recife, typo applaudido pela rapaziada academica, improvisador soberbo de bestialogicos, genero oratorio que o Sr. Valentim deve bem conhecer.

De Budião citam-se phrases assim: « O ca-loiro é o sorriso immundo que emporcalha os labios da magistratura. A mulher é a escarra-

deira do amor. A sciencia é um rochedo que tem acolhimento na cabeça de Victor Hugo. O bacharel que casa com moça pobre pega na pistola da fatalidade e dá um tiro nos miolos do futuro. » Lêam-se attentamente certas tiradas do Sr. Valentim e ver-se-á que elle não odeia muito esta maneira.

Deixo de notar os trocadilhos em que o magrissimo escriptor é fertilissimo.

Si, como diz Johannes Scherr, a melhor qualidade do estylo é evitar a *phrase* e o *logar commum*, ninguem menos do que o Sr. Valentim possui um estylo ; porque os dois polos entre os quaes gira o seu escrevinhar são, por certo, a *phrase rhetorica* e a *chapa*. Quando evita uma, tropeça na outra. (1)

(1) Em cacophatons e amphibologias é portentoso, tanto em prosa, como em verso. Na Vida de Seu Juca—lê-se:

- « Não só nos *justifica como* » (*Caco*)
- « Fazendo *rectiproco commercio* » (*Cheira mal*)
- « 'Sta tudo calado » (*Tatú*)
- « Ao cisco *as não atira* » (*Asnãõ*)
- « *Mofo de um frangalho* » (*Indecente*)

Isto pelo que diz respeito á fôrma. Quanto ao espirito, ao intimo, ao valor intrinseco de seu talento, os *Quadros e Contos* não o revelam notavel. O livrinho vem a ser uma pequena collecção de narrativas sem graça nem fundo. A observação é nulla n'essas pinturas de mera imaginação, inverosimeis e pretenciosas. O entreccho é sempre magro, a pintura dos caracteres indecisa, a vida psychologica insignificante. O drama anda ausente; o estylo é affectado sempre.

Não ha um só trecho, um só fragmento que mereça ser lido até o fim. São umas farçolas piegas e pueris; não ha n'aquillo o que analisar. No primeiro d'esses *Contos* apparecem a historia nulla d'um *Esquisitão*, que é *esquisito* não se sabe ao certo porque, e a historia de um

« *Como a cal da parede* » (*Come calda*)

« *Longo, energico, comprido* » (*Cheira mal*)

« *Homem unico na natureza* » (*Indecente*)

« *Bons mots do palco nos corredores* » (*Idem*)

Não proseguirei em terreno tão ingrato; devo poupar ao leitor o incommodo de respirar as podriqueiras do Sr. Valentim. Nem tocaria n'este ponto, si o homem não tivesse tão arraigada a presumpção de escrever bem.

collega do *Esquisitão*, moço rico infeliz no casamento. No seguinte narra o impagavel escriptor que, indo n'um trem e ouvindo tocar a *Marseleza*, poz-se a chorar, e, em compensação, deu uns cobres ao *carcamano* do realejo. No outro escreve umas pasmaceiras sobre a collação do gráo em São Paulo e falla muito em *baccalau-reato*...

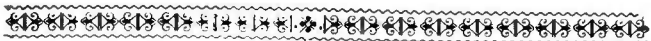
Este encerra umas vulgaridades sobre os premios lotericos. Aquelle falla das lutas entre um escravo e o feitor d'uma fazenda, rixas originadas pelo ciume. Foge o escravo e volta mais tarde, justamente em occasião em que encontra a amante infiel, á margem d'um rio, com o filhinho morto ao collo. O porque morre alli, tão a proposito, aquelle crioulinho, é cousa que se não percebe. E assim por diante, sempre a chateza, a vulgaridade, a sensaboria de redeas soltas a pinotear livremente. A analyse detalhada e miuda dos *Quadros e Contos* levar-nos-ia muito longe; basta-nos o que fica indicado. O espirito geral do livrinho é insignificante. O espingolado auctor não possui talento para o

conto. No folhetim propriamente dicto, faltam-lhe o tacto psychologico, as delicadezas de analyse, a grande experiencia do mundo, as finezas de fórma, e, acima de tudo, escassêa-lhe completamente a instrucção.

Não se acha em circumstancias de opinar sensatamente sobre um phenomeno qualquer social; no mundo das ideias é um cégo tateante e tropego.

A prova, temol-a abuntante em todas as *Notas á margem*, cada vez mais pifias, mais chulas, mais desarrazoadas e banaes.

Tal o folhetinista; o critico é certamente inferior, e é facil verificá-lo.



III



NA critica litteraria o decantado Dr. Valentim é de uma insufficiencia incalculavel. Ignorante absoluto da historia, da philosophia, das linguas, das sciencias sociaes, e, em geral, de todos os ramos de conhecimentos que nutrem relações estreitas com a critica litteraria, o novellista dos *Quadros e Contos*, o traductor do *Gran Galeoto* é incapaz de formular um juizo regular e aproveitavel sobre a marcha das ideias em nosso tempo.

Eis a razão fundamental porque elle recorre á farça, á troça, á pilheria. Simples esperteza.

Nem o seu temperamento é de critico.

Tendo apenas, até certo ponto, as qualidades secundarias, ou mesmo terciarias do talento, quero dizer, as qualidades exteriores, phosphorescentes, aliás communs a quasi todos os meridionaes, a saber, alguma vivacidade e alguma facilidade de escrever, o Dr. Valentim não é o homem dos largos e vigorosos raciocinios, da analyse percuciente e atilada.

Como critico está condemnado á perpetua menoridade do pensamento. E' incapaz de traçar uma synthese, de desenhar uma caracteristica, de comprehender uma epoca, de elucidar as forças e as tendencias de uma litteratura. E a prova é que, n'esta esphera, não existe, não se aponta uma só ideia que lhe seja original. Desafio a que m'a indiquem.

Tal o motivo essencial por que ainda e sempre se preocupa com pequeninas questões de grupos, sorradeiras defezas de camaradas, problemasinhos indigentes e rachiticos.

E' por isto, é porque elle não apprehende as questões do alto, é porque não tem o senso da critica que se constituiu o advogado de pequenos partidos, o defensor de causas atrasadas, o idolatra de espiritos acanhados.

E quanto desarranjo em sua orientação ! Diz que falla em nome da nova geração, das novas tendencias, dos novos impulsos do pensamento, e não percebe a contradicção intrinseca em que labora, queimando exaggerado incenso aos dois mais nitidos exemplares das velhas ideias entre nós, os Srs. Machado de Assis & Luiz Delfino ! Não se comprehende, nem é possível comprehender.

Como critico o Sr. Valentim Magalhães anda cheio de abusões ; falta-lhe a cultura e falta-lhe a coragem.

O primeiro preconceito que é preciso arrancar-lhe do espirito é a ideia mesma que elle fórma dos predicados, dos direitos, dos privilegios d'aquillo que emphaticamente intitula a *nova geração*.

Quando nasceu esta senhora? Que idade tem hoje? E' ella um ser colectivo, um enorme polypo, que se reproduz por fissiparidade, e quaes são então os individuos que a compõem? Qual é o *mot d'ordre* da companhia? Quem outorgou ao nosso *écrivain* o direito de dar passes ou fazer exclusões nos encantados jardins da deusa?

Fallemos franco: uma geração que se elogia, que anda ahi ás tontas a admirar-se, não é uma geração séria e verdadeiramente meritória. E' insensata em qualquer gráo; porque dá-se com os grupos o que se dá com os individuos. O homem que borda a propria casaca de pontos de admiração é um desmiolado; a pleiada de velhos ou moços que bestialisa-se, admirando a propria supposta superioridade, começa a merecer compaixão.

E não é só isto: para os espiritos comprehensivos não ha, não existem velhas e novas gerações; porque a historia não tem marcos milliaros; o *fieri*, o *werden* da civilisação não pára, não estaciona, não espera que os fedelhos

larguem as cascas academicas e venham bradar á velha humanidade que elles os *novos*, elles os meninos frescos, ahí estão para mudar a face das cousas, corrigir os *systemas* e as instituições.

E, aqui entre nós, aqui no Brazil, a todo aquelle que houver estudado nossa civilisação, não com os odios e rancores de camarilla, com as cegueiras por velhos ou moços, mas com o desprendimento que lhe merece um povo futuroso que se atira para adiante, a esse não se hão de deparar velhos ou moços, que devam ser applaudidos ou verberados, só porque são velhos ou porque são moços. A litteratura, a politica, a vida historica do paiz, em summa, apresenta as faces diversas de um desenvolvimento mais ou menos normal, de uma evolução harmonica e progressiva. Apesar de nossos atrazos, não nos estava reservado o assombro, o espectacularo regalo de termos agora o Sr. Valentim a descobrir a oitava maravilha e atiral-a sobre as gerações insensatas que não tiveram ou não têm cabeça para o comprehender, para o admirar e afagar.

Conhecer a vida intellectual do paiz, distribuir justiça aos que pensaram e trabalharam, não é cousa que se consiga pelo methodo do escriptor das *Notas á margem*, criando para si e seus camaradas um *brevet* de obras meritorias, de superioridade, de impassibilidade sobre-humanas.

Nas duas phases primeiras de nosso desenvolvimento litterario, entre os velhos classicos e os abandonados romanticsos, houve muito escrevinhador sem illustração e sem talento ; altearam-se em compensação muitos vultos valerosos. E' o eterno espectaculo da historia.

O Sr. dos *Quadros e Contos* pretende que elle e sua gente vão abrir agora uma excepção pavorosa, formidavel, unica : a *nova geração* ! Esta sim, esta é impecavel.

Vamos agora offuscar os mundos, temos gente grande a valer ; pela rua do Ouvidor os gigantes das ideias andam aos trambolhões.

Poetas, isso não, que já parece praga ; acoovelam-nos todos os dias os Schakespeares, os Dantes, os Byrons, os Hugos... E' o diabo. Ora,

quem tal diria? para que havia de dar o Brazil nos tempos de D. Pedro II e já no fim do reinado!

O gigante das selvas seculares não é já o paiz dos papagaios e do café; é a terra da nova geração; não é mais essencialmente agricola, é a terra do Dr. Valentim.

Entretanto, é preciso fallar serio; não se pense que desdenho da nova geração, aquella realmente meritoria. Lembro ao atrapalhado escriptor qual a nova geração que deve ser acatada, porque o merece. O novellista dos *Quadros e Contos* não a conhece, porque não sabe do que vai além de sua apertada esphera, não sabe do que vai pelas provincias, e tem a simpleza de suppôr nelle e nos seus amigos encerrada, na hora actual, toda a actividade da intelligencia brazileira. Quem o livrára de semelhante cegueira?

O poeta dos *Cantos e Lutas* começou a apparecer na imprensa em 1877 ou 78 em São Paulo.

Já n'esse tempo novas theorias, novas doutrinas tinham abalado a nossa velha intuição

romantica. O Sr. Valentim já encontrou o terreno desbravado, já achou enveredada. á busca de novos ideaes, a mentalidade nacional, E hoje acredita-se um colossal, um hymalaico innovador ! E' valentinamente comico.

De que se gaba o Sr. Antonio Valentim da Costa Magalhães ?

De que se gaba esse architecto de obra feita ? E suppõe-se o chefe da aristocracia intellectual do Brazil... Santa simplicidade !

Mas a final sempre direi qual a geração nova de que o paiz se póde orgulhar. E' esse grupo de trabalhadores austeros, que, de 1870 para cá, têm aberto novas perspectivas á intelligencia patria. Entre elles alguns não contam mais vinte ou vinte cinco annos; mas ostentam juvenil, entusiasta o pensamento. Alguns já até morreram, porém só depois de rasgar largas brechas de luz em nosso horisonte intellectual.

A nova legião é um Baptista Caetano, que viveu muitos annos arredio da imprensa, e no ultimo decennio, atirando aos prelos livro sobre livro, fundou a linguistica brazilio-guarany ; é

um Couto de Magalhães, que, deixados os velhos devaneios românticos, arrojou-se aos serções e trouxe-nos de lá as bases da ethnologia tupy e especimens magníficos do *Folk-Lore* indiano; é um Baptista de Lacerda, entregue a aturados estudos de anthropologia e physiologia animal; é um Rodrigues Peixoto, applicando ás raças brazileiras os processos de Broca; é um Domingos Freire, azafamado em experiencias de chimica organica e physiologia pathologica. São um Moncorvo de Figueiredo, um Silva Araujo, um Julio de Moura, entregues a indagações medicas e therapeuticas; são um Macedo Soares e um Appolinario Porto-Alegre, trilhando o caminho de Baptista Caetano; são um Pacheco Junior, um Julio e um João Ribeiro, abandonados a valiosos estudos de linguistica romanica; é um José Verissimo, com seus trabalhos de litteratura e philologia; são um Celso de Magalhães, um Rocha Lima e um Clovis Bevilaqua, traçando as linhas directoras da critica litteraria. E' um Franklim Tavora, procurando encarnar no romance o naturalis-

mo tradicional das populações pernambucanas ; é um Inglez de Souza, seguindo-o na mesma trilha para as populações da Amazonia ; é um Aluizio Azevedo, aproximando ainda mais o romance dos moldes modernos ; é um Herculanio Bandeira, estudando a questão penitenciaria e novos processos pedagogicos ; é um Ruy Barbosa, investigando os methodos e novos sistemas da organisação do ensino. São um Assis Brazil e um Lopes Trovão, com seu profundo senso politico e alevantada intuição democratica ; são um Pereira Barretto, um Teixeira Mendes, um Teixeira de Souza, um Páo-Brazil, com seu espirito philosophico ; é um Tobias Barretto, com sua illustração e sua energia intellectual, presidindo tres phases diversas da vida mental da faculdade do Norte, como poeta, como critico e agora como jurista. E, porque a poesia não deve d'aqui ser excluida, são um Guimarães Junior e um Achylles Porto-Alegre, com a espontaneidade de seu lyrismo ; um Mello Moraes Filho, com suas lendas indianas, seus cantos da escravidão, seu brazileirismo em

summa ; são um Silva Pinto e um Mathias Carvalho, com seus canticos socialistas ; são um Martins Junior e um Generino dos Santos, com sua inspiração scientifica, e outros e outros, que ainda não mostram uma feição definida, uma individualidade accentuada, mas revelam talento.

Esta é a nova geração a que eu rendo preitos. A outra corre o perigo de tornar-se uma especie de *nova logração*.

E não me esqueço de notar um signal, que seria capaz de fazer meditar o Sr. Valentim e a sua gente, si elles realmente tivessem um papel serio a preencher na litteratura brazileira.

E' o seguinte: si vós sois de facto a geração nova, deveis ter largas esperanças de grandes destinos a cumprir.

« Quasi todas as gerações, ao entrar na vida, assim se exprime um pensador europêu, quasi todas as gerações ao entrar na vida, começaram por uma opinião exagerada de sua força e dos destinos que suppunham caber-lhes em partilha. » Si assim é, si tal é a verdade historica, e vós tendes sonhos juvenis a rea-

lisar, si tendes ancias de luctas, porque não vos arrojais ás grandes obras? Si precisais de um vasto campo ás vossas actividades, porque não vos atirais aos estudos de ethnographia, de historia, de politica, de litteratura, de philosophia, de que o Brazil sente-se pobre e espera dos vossos esforços? Porque não vos bateis contra os preconceitos, os erros, os desvios seculares que obscurecem o pensamento nacional? Porque não derribais as velhas autoocracias politicas e litterarias? Nada tentais n'este sentido; adorais os velhos idolos, Machado & Delfino, e esconjurais os portadores do pensamento novo. Sois uns contradictorios nocivos.

Não é, porém, sómente a abusão da nova geração, a mania da *camaraderie* que se deve bater no Sr. Valentim Magalhães. Os seus processos mesmos de critica, e isto é capital, são gastos e imprestaveis; ainda não sahiu das categorias bolorentas de *La Harpe*. Ainda se demora em notar erros de metro, descuidos grammaticaes e outras carueiras sebentas da velha rhetorica.

Sua critica, si não é um dithyrambo encomiastico e pantafaçudo, como por exemplo, os artigos que escreveu sobre os versos do Sr. Luiz Delfino, fallando em *ilhas encantadas, terras dos prazios e topazios, nababos millionarios e loucos, chuvas de estrellas*, e outras madraçarias tafulas, sua critica, si não é isto, descamba logo para as personalidades caturras e as accusações infundadas e insipidas. D'este ultimo genero temos amostra interessante nos estirados artigos que tonitruosamente publicou em uma das folhas d'esta capital contra os *Ultimos Harpejos*, artigos pomposamente reproduzidos em livro. (1)

Este folheto só por si constitue a obra capital do auctor nos dominios da analyse litteraria, e não ha remedio sinão apreciar tão interessante documento. Ahi exhibe-se aos olhos dos

(1) E assim como o Sr. V. Magalhães apregôa aos quatro ventos ser elle o regenerador do theatro nacional, por haver traduzido dois dramas *hespanhóes*, diz á bocca cheia ter iniciado a critica *séria* no Brazil, por ser o auctor das *Natas á Margem dos Ultimos Harpejos* e outros artiguinhos do genero!!!!...—Já é coragem!...

leitores a alta incompetencia, a insigne incapacidade do critico.

Bem razão teve Zola quando disse que sob as palhaçadas de um espirituoso abriga-se de ordinario a intelligencia insipida e nulla de um burguez. E eu digo mais: arredem-se as momices do Sr. Valentim, procure-se a natureza intima de seu pensamento, e ver-se-á que elle não passa de um pequeno rhetorico, e da peor especie: o rhetorico banal, que passa o tempo entre as grammatiquices lórpas e a contagem de versos nos dedos. Elle tem um *tic*: fallar sempre nos insultos á *Metrificação de Castilho* e nos ataques á *grammatica*....

Certamente o leitor não se recorda mais dos pantagruelicos artigos do illustre cadete litterario. Tão falho de pensamentos, tão ermo de instrucção, tão ingenuo nas suas bravatas se revelou o nosso homem, que a nova geração deve achar-se deveras lograda. Pois quando se suppunha que o Dr. Valentim Magalhães, com seus vinte e seis annos de enthusiasmo juvenil, elle, o moço talentoso e sabido, tendo a seu ser-

viço todos os proventos que a sciencia *nova*, e o pensamento *novo*, e a arte *nova*, e a idéa *nova*, sabem dar aos seus adeptos, viesse pulverisar de uma vez os immensos erros do seu adversario, o pequenino genio destampou a caixinha de sua sabedoria e entrou a saracotear, medindo versos nos dedos !..

O pretendido porta-bandeira da nova geração fez uma critica rafada e inepta ; revelou nada saber de litteratura, não poder analysar, nem discutir.

Todo homem de talento eleva o debate em que toma parte ; os systemas, todas as opiniões que luctam, todas as soluções que se procuram, ficam como que attentas á justa, e o publico espera um resultado, uma lição. E o Sr. Valentim Magalhães foge das grandes questões, e entra a medir versos, e isto mesmo com infelicidade !...

Acompanhemol-o rapidamente.

Os *Ultimos Hârpejos* foram publicados no Rio Grande do Sul, longe das vistas do auctor. A revisão não foi rigorosa e muitos erros esca-

param. Felizmente parte dos versos tinha d'antes sahido na *Revista Brasileira* com inteira correcção. Os seguintes, por exemplo, errados no livro, estão exactos na *Revista* :

« Oh! que bella a *attitude* a de guerreiros »
vinha certo :

« Oh! que bella *attitude* a de guerreiros »
Mais este :

« Das jovens para *as rosas* os viços cambiavam »
vinha certo :

« Das jovens para a rosa os viços cambiavam »
Este :

« Foi lá que a velha Europa *créando* a phantasia »
tinha sahido exacto :

« Foi lá que a velha Europa errando a phantasia »
Este :

« Tirar-lhe *do seio* as perolas mimosas »
vinha direito :

« Tirar-lhe ao seio as perolas mimosas »

E assim, como estes, muitos outros versos sahiram inexactos agora no livro. Os dois primeiros que citei foram acoimados de incorrectos pelo critico ; elle enganou-se ; procure a *Revista Brasileira* que ha de verificar o que lhe digo.

Tudo mais que o escriptorzinho citou, como errado, está certo ; elle é que não reparou no que disse. Teve a esperteza de não declarar como e em que errados estavam os versos, mas foi esperteza que se desmantela por si mesma. Griphou o seguinte, dando-o por incorrecto :

« D'ideia alliva, cujos vôos primeiros »

Onde está aqui o erro ? . E' um endecasyllabo saphyco, e *vôo* é um diphthongo, tem uma syllaba só. O metro está perfeito ; os versos são feitos para serem lidos ou declamados, e, em todo caso, o juiz d'elles é o ouvido, e este órgão attesta a razão physiologica de ter *vôo* uma só syllaba. Esta palavra é levada á audição por

5

um só impulso ou emissão de voz. *Vôo* é por grammaticos de nota dado por diphthongo. (1)

Quer mais o critico? Abra as *Flôres do Campo* do primeiro lyrista portuguez dos ultimos tempos, João de Deus, logo na primeira poesia, escripta em versos de sete syllabas e leia :

« Avante pois, acima,
Deus o teu *vôo* anima... »

Então? Conte o critico a primeira linha e depois a segunda, dando duas syllabas a *vôo*, e veja o que lhe sae d'ahi.

Vamos adiante. O homem deu mais como errados os versos seguintes em que entram palavras esdruxulas :

« Que do *pallido crepusculo* das tardes »
« Ou como a flôr que os *petalos* seus esconde »

Mas, ainda uma vez, onde está o erro?
O critico talvez implicasse com as palavras

(1) Vid. *A Grammatica portugueza* de José Gonçalves Lago, pag. 5.

esdruxulas e as contasse nos dedos syllaba por syllaba. O erro aqui anda da parte do Sr. Valentim Magalhães. As palavras esdruxulas, quando occorrem no fim dos versos, dão-lhes uma syllaba demais que é sumida na voz, e não lhes altera o rythmo. Isto é elementar. Ha, porém, outra verdade que o Sr. Valentim ignora e vem a ser: si occorrer a palavra esdruxula no meio dos versos, e, especialmente, si apparecer mais de uma em um só verso, fica *ad libitum* do poeta, e conforme os casos, socorrer-se ou não do privilegio dos esdruxulos.

Como tudo isto é massante! A culpa é do Sr. Valentim; tenho escripto perto de vinte volumes, analysado mais de oitenta escriptores, e é a primeira vez que sou levado a occupar-me d'estas ninharias.

Vale a pena ter paciencia, para mostrar que, até em suas questões predilectas, o moço critico é incompetente e desequilibrado. Prosigamos. As palavras esdruxulas, especialmente algumas d'ellas, perdem na pronuncia uma syllaba. *Petala*, ou *petalo*, *seculo*, *crepusculo*, *angulo*, e

outras e outras muitas, têm de facto uma syllaba de menos na pronuncia normal.

Na poesia ainda mais isto succede. Si, portanto, apparecer na contextura de um verso um ou mais esdruxulos, o poeta póde, segundo as leis do rythmo, abrigar-se ao privilegio de que fallei. E' o caso dos versos :

« Ou como a flôr que *os pet'los* seus esconde » (1)

« Que do *pallido crepusculo* das tardes »

E mais o caso d'estes de Camões :

« Cesarea ou Christianissima chamada »

« Já a companhia perfida e nefanda »

« Cesares, Alexandros, e dá Augustos »

Ou este de Basilio da Gama :

« De costumes suavissimos e honestos »

Ou estes de Tobias Barretto :

« Com as ondas cêrulas, com as auroras pallidas »

« Mais de um espirito abre as azas de ouro »

(1 Este verso seria tambem certo assim :

« Ou como a flôr que *os petalos* esconde. »

Ou o primeiro d'estes de Gonçalves Dias :

« Pelos montes melifluos do Hymeto,
« A parrelha de bois aguilhando. »

Ou estes de Castro Alves :

« E então nas arcadas
Das petalas douradas »

« Dos dedos do crepusculo os véos de sombra »

Para aviso ao leitor muitas vezes trazem certas palavras esdruxulas o signal graphico da syllaba elidida : *secl'o, circ'lo, pet'la, crepusc'lo, etc.*

Innumeros exemplos pudéra citar, si quizesse, de versos parecidos com os incriminados pelo parodista da *Vida de seu Juca*. Elle póde objectar que os não mostrarei nos *impeccaveis* modernissimos... Ahi vão versos do Sr. Raymundo Correia :

« Diabolico, vulcanico, infernal »

« A quem a estatua₂alvissima, ineffavel »

« E limpida e sem macula e alvacenta »

Nos emplastos metricos do Sr. Valentim existem muitos versos que eu citaria, si elle pudesse ser invocado em questões de fórma. Na prosa o estylo é-lhe palavrasso, sem personalidade, sem força, sem movimento, sem brilho, como vinhos ; no verso é alambicado, pobre de seiva, inerte, marasmatico. Tem apenas de longe em longe uns solavancos semelhantes aos de carroça velha em calçada esboracada. Outros versos apontados como errados são :

- « Ensinava o amor. E na intimidade »
- « Toca-se a magestade. N'essa altura »
- « Amado pelo sol que é todo lá sorrir »
- « Do genio americano encerras o emblema »
- « Legenda triumphal, oh ! juvenil poema. »

Os dois primeiros são endecasyllabos e os tres outros alexandrinos perfeittissimos. Façam-se as devidas elisões e ver-se-á. Leiam-se estes versos de Basilio da Gama, excellente metrificador :

- « Lagos de sangue tepidos e impuros »
- « Tece o emmaranhadissimo arvoredado »

Ou estes do Sr. Theophilo Dias :

« Que os musculos me embebe, e os nectarisa. »

« Na espadua arfando em turbidos negrumes »

Versos assim encontram-se em todos os poetas da lingua.

Notem-se as indispensaveis elisões das vogaes, onde fôr caso d'isso, e ver-se-á que não são versos de *vinte pés*, como os chamou o Dr. Valentim. Até n'isto espichou-se o grande litterato; onde viu elle versos portuguezes medirem-se por *pés*? E já agora não o deixo sem notar-lhe novo disparate. Um ponto que mereceu-lhe especial cuidado e sobre o qual fez uma barulhada tremenda, foi o verso—

« A natureza vaidosa e sonhadora »

Não lhe vejo razão para tamanha tempestade.

Uma simples transposição das palavras corrige aquelle verso :

« Vaidosa a natureza e sonhadora »

ou

« Vaidosa e sonhadora—a natureza »

Em sua fôrma primitiva mesnia o verso é susceptível de defeza.

Na poesia a arte não está no *verso* ermo e isolado, sinão nō verso considerado em seu grupo normal—a *estrophe*.

Do jogo do *metro* e do *rythmo* é que provém a harmonia na poesia. D'ahi o facto muito commum em diversas linguas, e nomeadamente no latim, de ter um verso syllabas de mais que se vão prender ao verso seguinte. E' o verso denominado *hypermetro* e *hypercatalectico*.

Qualquer tratado de metrificacão latina fornece abundantes exemplos d'elle. Aqui vão dois tomados ao livro de L. Quicherat :

« Sternitur infelix alieno vulnere, cœlumque »
 « Adspicit, et dulces moriens reminiscitur Argos »

e

« Et magnos membrorum artus, magna ossa lacertosque
 Exiit »

Isto passou ao portuguez. As syllabas *mudas*, quando terminadas em *vogaes breves*, embehem-se no verso seguinte, si este começa tambem por vogal. Assim o exige o *rythmo* da *estrophe* na declamação.

Lida a estrophe em seu conjuncto, a sonoridade é perfeita e o supposto erro se reduz a fumaça :

« A natureza vaidosa e sonhadora
 Em tudo estava a rir ;
 O campo era um tapiz ; eterna aurora
 Vivia a nos sorrir. »

A regra latina, passada ao portuguez, tem aqui inteira applicação. Recitem, declamem os versos e verão que, na pronuncia, elles ficam assim :

« A natureza vaidosa e sonhado...
 r'em tudo estava a rir ;
 O campo era um tapiz ; eterna aurora
 Vivia a nos sorrir »

A objecção de ser aguda a terceira syllaba do vocabulo *sonhadora*, encerra uma falsidade e repousa sobre uma confusão. Primeiramente, a syllaba em *do* n'esse termo é apenas uma predominante, não é um verdadeiro som agudo d'aquelles que em metrica valem por duas syllabas, como, *verbi-gratia*, *dor* na palavra *sonhador*.

Depois, dado que fosse realmente uma genuína syllaba aguda, não invalidava o nosso caso, pois, segundo a regra exposta, não é licito isolar o verso d'aquelle que se lhe segue.

O verso tomado em si e por si é errado; posto em sua estrophe, justifica-se legitimamente. Nem o que digo é phantasia. Em rigor, em bôa metrificacão portugueza, sempre que n'uma estrophe cada verso perfeito acabasse em *vogal breve*, o verso seguinte deveria principiar por *consoante*.

E' um bello exemplo d'esse rigorismo a seguinte oitava de Camões; todos os versos tem onze syllabas e acabam em vogaes breves, e todos os versos principiam por consoante; o rythmo é perfeitissimo :

« Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antartico, e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado ;
Diversos céos, e terras temos visto :
D'um Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte. »

Aqui os versos são exactísimos, tomados um a um, ou tomados em seu conjuncto. Quando, porém, cada verso d'uma estrophe, tendo o seu numero normal de syllabas, termina em vogal *breve* e cada verso que se lhe segue começa tambem por vogal, ha na declamação uma certa desharmonia. Não encontrei nos *Lusiadas* caso algum d'uma oitava inteira n'essas condições. Encontrei apenas algumas quadras, como esta :

« *E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido,
A vêr-te, ou a servir-te, porque viesse,
E suspeitasse em ti peito fingido. »*

Estes versos são correctos um a um, ou pronunciados de fórma a ficarem bem separados entre si.

Declamados com presteza e com a tendencia das linguas romanicas para a agglutinação das vogaes, ha n'elles desharmonia ; porque os tres ultimos perdem de facto uma syllaba cada um .

A *contrario sensu*, terminando um verso em vogal breve, póde elle ter uma syllaba de mais, si o verso seguinte principiar por uma

vogal em que a syllaba superabundante vá sumir-se. E' o nosso caso.

Estão desfeitas as objecções do Dr. Valentim. Na questão de metrificacção gastou elle inutilmente o seu tempo, fazendo arguições insensatas.

Outra censura de que fez um espalhafato enormissimo foi o emprego dos adverbios *aqui* e *ali*, que jiz ter sido repetido.

E' muito espirito devéras. Só de uma cousa se não lembrou o critico e vem a ser da figura desfructavel, do amesquinhamento intellectual de que deu prova, pedanteando sobre verdadeiras nugas.

Muito mediocre é a intuição litteraria do Sr. Valentim Magalhães. A descoberta do uso repetido de *ali* e *aqui* é uma futilidade deploravel. A repetição em perto de dois mil versos de uma ou outra palavra não provoca censura, si não da parte de extravagantes, como o Sr. Valentim Magalhães. E' um processo que poderá por qualquer ser invertido contra elle e dará optimos resultados. Quem quizer que o experimente.

Mas a censura é, em todo caso, banal. Si na lingua portugueza existem versos mimosos são os da *Canção do Exilio* de Gonçalves Dias. Este repetiu n'essas cinco estrophes seis vezes as palavras *lá e cá*.

E era isso natural n'uma canção, em que o poeta oppunha ao ideial europêu o ideial americano. E' tambem o que se dá no *Poema das Americas* e na *Lyra Sergipana*, que constituem os *Ultimos Harpejos*.

Taes foram as criticas do Sr. Dr. Valentim Magalhães a uma obra de auctor conhecido, criticas que elle denominou *um acto de coragem*, pomposamente annunciadas, publicadas com alacridade, reproduzidas em folhetos. Rhetorica e rhetorica infima.

Fóra d'aquillo só fez troças e palhaçadas, produzindo trocadilhos e truncando trechos.

Velho methodo manejado pelos indigentes do pensamento.

Si no baixo nivel em que se postou o escriptor, si na sedição e misera questão de metro, de que só fazem caso os pedintes intellectuaes,

o homem afogou-se em barbaridades impossiveis, o que não seria, si sahisse a terreiro para debater altos principios litterarios e scientificos?

A consequencia logica a tirar é confirmadora do pessimo renome do Sr. Valentim na qualidade de critico. Sua superficialidade e ignorancia já são proverbias.

E lembro-me agora de um facto que tem aqui boa entrada.

Vai para trinta annos no Rio de Janeiro apparecia um joven escriptor. Vinha cheio de enthusiasmos e esperanças, e um dos seus primeiros feitos foi atacar desapiadadamente um livro de um collega de lettras, mais velho e mais conhecido do que elle. O ataque foi renhido e houve grande agitação nos arraiaes litterarios. O recémchegado era um valente e o adversario um nome illustre. Era Alencar, publicando as celebres *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos*. Quaesquer que sejam os defeitos, e elles são muitos, desse escripto do romancista cearense, é impossivel negar a justeza de algumas de suas opiniões, a lucidez de

sua argumentação, a habilidade de seus golpes, a copia de suas leituras, a agilidade de seu estylo.

A critica produziu resultados ; ficava fechada uma das phazes do romantismo brasileiro e abria-se-lhe um periodo novo. E, todavia, Alencar não se dava por critico e menos ainda por innovador. Foi uma luta intestina, motivada talvez pelo capricho em grande parte ; mas uma luta manejada por um homem de talento e de trabalho.

Os artigos, apparecidos n'uma gazeta, foram depois publicados em livro. Pois bem ; o Sr. Valentim quiz fazer o mesmo, quiz produzir barulho. Esganiçou-se n'um jornal, levantou pœira, multiplicou artigos e reproduziu-os em brochura.

Comparadas as duas producções, a do antigo romantico e a do joven naturalista, que differença ! que abysmo as separa ! Parece que retrogradamos.

As *Cartas* revelam vida, talento e estudo. Agitam questões de estylo, de arte, de escolas,

de principios. As *Notas* são chulas, cheias de trocadilhos, de grosserias; não levantam problemas litterarios, lutas de systemas; nada discutem, nada elucidam. Fazem a *troça* moderna do Chiado emigrada para a rua do Ouidor, o palavirão pesado e burro, encapando a mais casmurra ignorancia. Ora diabo de critico esse, cujos escriptos nem ao menos pôdem soffrer o parallelo com as pobres publicações romanticas dos velhos tempos....

Podemos concluir. O moço escriptor é um poeta fraco e desde muito cançado, um folhetinista sem originalidade e sem talento de observação, um critico atrazado e mediocre, um prosador palavroso e amaneirado, um ruim traductor de dramas hespanhóes. Acima de tudo isto, é um imitador de vôo rasteiro, o mais acabado exemplo do séstro da sequacidade.

ÁVENDA NA MESMA CASA

CRUZ LIMA. —(Francisco Ignacio dos Santos).—Trabalhos academicos Litterarios e scientificos, 1 vol., in-4º br.	\$300
CRITICA á Delphina do mal de Thomaz Ribeiro, por uma sociedade de litteratos, 1 vol., in-4º br.	\$300
CUNHA (Elmano da).— CARTA em resposta a outra, bom-senso e bom gosto, dirigida por A. do Quintal ao Sr. A. F. de Castilho, 1 vol., in-4º br.	\$400
DAMASCENO VIEIRA. —Esb-ços litterarios, poesia e critica, 1 vol., in-4º br.	\$800
EÇA DE QUEIROZ E RAMALHO ORTIGÃO. —As FARPAS , 1 vol., in-12 br.	\$500
ESPADÁ (a) DE ALEXANDRE. —Corte profundo na questão do homem-mulher e mulher-homem, por um socio prendado de varias philarmonicas, 1 vol., in-4º br.	\$600
EUNAPIO DEIRO. —Cantos do Equador por Mello Moraes Filho, 1 vol., in-4º.	\$800
FEUX FERREIRA. —Lycéo de Artes e Officios, ensino profissional, 1 vol., in-8º br.	\$800
— Bellas Artes, estudos e appreciações, 1 vol. in-8º br.	\$3000
FONSECA (Ignacio Joaquim).—Estudo sobre a batalha do Riachuelo, 1 vol., in-4º br.	\$800
FRANKLIN DORIA. —Estudo sobre Luiz José Junqueira Freire. 1 vol. br.	\$500
FREITAS (José Antonio de)—Estudos criticos sobre a litteratura do Brazil, lyrismo brasileiro, 1 v. in-8º enc.	\$2800
G. F. —A litteratura ramalhuda a proposito de Castilho e Ramalho Ortigão, 1 vol., in-4º br.	\$400
GASPAR DA SILVA. —Carta de um emigrado ao Sr. Camillo Castello Branco, 1 vol., br.	\$300
Litteratura pantagruelica. —Os abestruzes no ovo e no espaço, (reinhada de poetas) 1 vol., in-4º br.	\$400
LEAL (Arthur).—Impressões Academicas, snsaos criticos, 1 vol. in-8º br.	\$400
LOPES DE MENDONÇA (A. P.).—Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol., in-4º enc.	\$8000
LOUREIRO (Urbano).—Perfis burlescos, estudos contemporaneos, 1 vol., in-8º enc.	\$800
Lucros e perdas , chronica mensal dos acontecimentos, 1 vol., br.	\$500
LUIZ DE ANDRADE. —Caricaturas em prosa, 1 volume in-8º enc.	\$800
MALHEIRO DIAS (Augusto).—Castilho e Quental, reflexões sobre a questão litteraria, 1 vol., in-4º.	\$400
MELLO MORAES FILHO (Dr.).—Bellas Artes Exposição de 1869, 1 vol. in-12 br.	\$200
— Curso de Litteratura Brasileira, ou escolha de varios trechos em prosa e verso de auctores nacionaes antigos e modernos, 1 vol. in-4º.	\$800

À VENDA NA MESMA CASA

MONTEIRO (José Gomes) —Os criticos do Fausto do Sr. Visconde de Castilho, 1 vol., in-8° enc.....	2\$500
NABUCO (Joaquim).—CAMÕES e os <i>Lusiadas</i> , 1 volume in-4° br. 2\$000, enc.....	3\$000
NICOLAU TOLENTINO ou Cabrilon da Litteratura de hoje .—Almanack para 1868 1.º anno, contendo 103 artigos de critica litteraria, 1 vol. in-8.º br.....	\$500
OLIVEIRA MARTINS (J. P.).—Theophilo Braga e o cancionista e romanceiro geral portuguez, 1 volume in-4° br.....	\$400
NIEMEYER (Conrado Jacob de) —Impugnação a obra do Sr. Conselheiro João Manoel Pereira da Silva, segundo periodo do reinado de Pedro II no Brazil, 1 vol., in-4° enc. . .	3\$000
OTTONI (Theophilo) —Estudo critico de Luiz Augusto Rebello da Silva, 1 vol., in-12 br.....	\$400
PALMEIRIM (F. de R.).—O Duque de Loulé e o Bispo de Viseu ou as velhas e as novas aspirações do Portugal, 1 vol., in-4° br.....	\$500
PALMELLA (José).—A aristocracia do genio e da belleza feminil na antiguidade, 1 vol., in-4° enc.	2\$000
— Resposta ao Exm. Sr. Bispo D. Pedro Maria de Lacerda sobre a prohibição da aristocracia do genio e da belleza feminil, 2 vols., in-8° br.....	1\$600
PEDERNEIRAS (Oscar).—A proposito de um livro, 1 volume in-12.....	\$500
PESSANHA PO'VOA .—Annos academicos 1860—1864 1 vol. in-4° br. 2\$000, enc.....	3\$000
PIMENTEL (Antonio de Serpa).—Alexandre Herculano e o seu tempo, 1 vol. in-8° enc.....	2\$500
PINHEIRO CHAGAS (M) —A Propriedade Litteraria Carta a Sua Magestade o Imperador do Brasil, 1 vol., br. in-4°.....	\$400
—Ensaios Criticos, 1 vol, in-8° br.....	1\$600
—Novos Ensaios Criticos, 1 vol, in-8° br.....	1\$600
PINTO COELHO (F. J.).—Contemporaneos Ilustres, 1 vol in-4° br.....	1\$00
— DE CAPOS (Joaquim).—Polemica Religiosa Refutação ao impio opusculo que tem por titulo o Deus d. Judeus e o Deus dos Christãos, 1 vol in-4° br	1\$00
PITADA JUNIOR .—Estudos Litterarios. Romance, 1 vol in-12.....	\$5
QUENTAL (Anthero do).—A Dignidade das Letras e as litteraturas officiaes, 1 vol, in-8° br.....	\$4
—Bom-Senso a Bom-gosto. Carta ao Sr. A. E. de Castillho 1 vol, in-4° br.....	\$4
—Considerações sobre a Philosophia da Historia Litteraria Portugueza, 1 vol, in-4° br.....	\$400

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).